



VII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG
V Salão de Extensão



<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014

ANÁLISE DA PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE UMA
INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL – RS.

Iohanna Tamiris Pires da Silva¹, Carolina Garrido Zinn²

¹ Bacharel do Curso de Biomedicina do Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG).

² Professora do Curso de Biomedicina do Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG).

Informações de Submissão

* Autor correspondente (Orientador)
Carolina Garrido Zinn, endereço: Rua Os
Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS -
CEP: 95020-472.

Palavras-chave:

Automedicação; Estudantes; Uso
inapropriado; Intoxicação.

Resumo

Introdução: A automedicação é definida como a utilização de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas, as quais não tem habilitação para tal prática. Neste caso, os medicamentos são usados devido ao aparecimento de sintomas, porém sem avaliação prévia de um profissional de saúde.

Objetivos: Avaliar a automedicação entre os acadêmicos da área de saúde do curso de Biomedicina no Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG, de Caxias do Sul. **Resultados:** 73,5% dos acadêmicos já se automedicaram durante a graduação e 63,5% relatam se sentir confiante para se automedicar em função da graduação, da área da saúde em biomedicina e 31,5% afirma ter conhecimento teórico para tal prática. Além disso 63% recomenda o uso de medicamentos a outras pessoas. 94,5% dos medicamentos utilizados são de venda livre, sendo os analgésicos e anti-inflamatórios os mais utilizados. E as principais motivações para a prática são o hábito de se automedicar e a dificuldade de conseguir atendimento médico.

Conclusão: A automedicação é uma prática comum entre os acadêmicos de Biomedicina, que acreditam ter conhecimento suficiente, baseado na sua graduação para se automedicar.

INTRODUÇÃO

A intoxicação no Brasil vem representando um grave problema de saúde pública. Dentre os principais motivos de intoxicação encontra-se o uso incorreto de medicamentos

por conta própria, devido à venda livre de diversos medicamentos, a fácil aquisição nas farmácias, ao difícil acesso aos serviços de saúde e à influência de propagandas televisivas^{1,2,3,4,5,6,7}. Este comportamento está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, porém essa prática pode trazer inúmeros riscos à saúde, como o mascaramento e agravamento de doenças, dependência, intoxicações e até a morte^{4,5,6}.

O método utilizado para consumir medicamentos, com intuito tratar e aliviar sintomas de doenças, sem a prescrição médica ou a orientação farmacêutica é definido pela Organização mundial de saúde (OMS) como automedicação^{1,2,3,4,5}. No Brasil há cerca de 80 milhões de adeptos desse mau hábito⁶. A venda livre de medicações de tarjas livre (sem restrições) também contribui para esse aumento, que representa 35% dos medicamentos adquiridos pela população brasileira⁶. Além disso, as informações de propaganda de TV e o acesso rápido de informações na internet sobre medicamentos, também influenciam no aumento das vendas e consumo excessivo de medicamentos^{1,2,3,4,5,6}.

Além disso, a falta de conhecimento e interesse em saber mais informações sobre a administração correta, os benefícios e malefícios do medicamento, é a principal causa deste sério problema de saúde pública^{7,8,9}. O Sistema Nacional de Informações Toxicológicas (SINITOX) informa que os fármacos estão em um quadro de agentes tóxicos, sendo os principais responsáveis pelas intoxicações em seres humanos^{7,8,9,10}. Dentre eles os anti-inflamatórios, analgésicos e antibióticos se mostram como as classes de medicamentos mais utilizados por alunos de diversas universidades, por serem eficazes no alívio de dores em geral, febre, gripe e resfriado^{1,2,3,4,5,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17}.

Portanto este estudo tem como finalidade identificar o perfil de consumo de medicamentos e a prática da automedicação entre acadêmicos do curso de Biomedicina do Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG), de Caxias do Sul, RS, tendo como foco, conhecer quais os fatores que influenciam no consumo de medicamentos, qual a frequência da utilização e se o conhecimento teórico ajuda nesta prática.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um estudo transversal descritivo em que a população estudada constituiu-se de 200 acadêmicos do curso de Biomedicina, de um total de 350 acadêmicos matriculados no curso, correspondendo a 57% dos alunos entrevistados da biomedicina, do Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG, da cidade de Caxias do Sul - RS.

O instrumento de coleta de dados consistiu de um questionário padronizado, em um site online, com 30 perguntas objetivas autorrespondíveis, em que o entrevistado podia responder sozinho as questões via internet, em tempo real. Para isso foi feito um convite prévio para os alunos presentes nas salas de aula da biomedicina, para a participação efetiva dos mesmos na pesquisa, através da divulgação do site.

Foram incluídos na pesquisa alunos a cima de 16 anos de idade, do sexo masculino e feminino, devidamente matriculados na instituição, do 1º ao 8º semestre da graduação, que tenham se automedicado pelo menos uma vez após o início da graduação e tenham concordado com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Não foram considerados alunos matriculados em outros cursos, que não tenham preenchido completamente o questionário e que nunca tenham se automedicado.

As variáveis analisadas foram: idade; gênero; semestre de andamento do curso; prática de automedicação; consumo de medicamentos; aconselhamento para uso de medicamentos com parentes, amigos ou vizinhos, internet, farmacêutico, balconista, médico; indicação de medicamentos para outras pessoas; leitura da bula; medicamento utilizado; categoria: tarja livre ou tarjado (com restrição); sintoma envolvido na prática da automedicação; motivo da automedicação; entendimento sobre o risco da prática da automedicação; frequência da automedicação; circunstâncias em que ocorre a automedicação e autoconhecimento da automedicação.

Os dados das questões respondidas pelos alunos foram analisados através do programa Microsoft Excel, em que se criou o banco de dados, caracterizado com as informações obtidas, de acordo com o número de casos, por: sexo, faixa etária, curso, semestre, circunstância e frequência da automedicação e medicamentos utilizados. Os dados são apresentados como percentual e foram analisados através do teste qui-quadrado para verificar a associação entre as variáveis, através do software SPSS Statistics Subscription. Valores de $p < 0.05$ foram considerados estatisticamente significativos.

RESULTADOS

Este estudo teve um total de 200 questionários preenchidos, 82% eram do sexo feminino e 18% do sexo masculino, conforme a Tabela 1. A faixa etária predominante foi de 21 a 25 anos totalizando quase metade da amostra. Os alunos encontravam-se matriculados nos seguintes semestres: 8,5% do 1º ao 2º semestre, 30,5% do 3º ao 4º semestre, 25,5% do 5º ao 6º, 26,5% do 7º ao 8º e 9% acima do 8º semestre. O plano de

saúde mais utilizado foi a rede de convênios (55,5%), seguida por atendimentos particulares (29,5%) e pelo SUS (15%). Quando sentem alguma dor, a primeira ação a ser tomada é utilizar algum medicamento (65%), segunda algum tipo de chá (22,5%) e por último procurar um médico (12,5%). Verificamos uma associação entre a prática da automedicação nos acadêmicos e a ação de tomar algum tipo de medicamento quando sentem alguma dor ($p < 0.01$).

Apesar disto, conforme a Tabela 2, os dados apontaram um alto índice de consumo de medicamentos sem prescrição médica durante a graduação, que é de 73,5% comparado a 26,5% de alunos que não adotam essa prática. Foi possível verificar ainda que a graduação deu mais confiança para os alunos se automedicarem (63,5%), a maioria desses alunos se encontravam cursando o 3º- 4º semestre (30,5%), seguido do 5º- 6º semestre (25,5%) e 7º- 8º semestre (26,5%) de Biomedicina. Observou-se uma associação entre a prática de automedicação e o sentimento de confiança para tanto, gerado em função da graduação cursada ($p < 0.01$). Os alunos utilizam os medicamentos baseados no costume, uso crônico, ou porque consultou uma vez resolveu o problema e continuou o usando (51%). Contudo, acreditam ter conhecimento teórico para se automedicar (31,5%), o que está associado à automedicação durante a graduação ($p < 0.01$).

Tabela 1: Caracterização da população estudada.

Variáveis	n	%
Sexo		
Feminino	165	82, %
Masculino	35	18, %
Idade		
16-20	53	26,5%
21-25	99	49,5%
26-30	21	10,5%
30-35	17	8,5%

>40	10	5%
Semestre		
1° - 2°	17	8,5%
3° - 4°	61	30,5%
5° - 6°	51	25,5%
7° - 8°	53	26,5%
>8°	18	9%
Plano de saúde mais utilizado		
Convênio	111	55,5%
Particular	59	29,5%
SUS	30	15%
Ação quando sente alguma dor		
Procura um médico	25	12,5%
Utiliza algum medicamento	130	65%
Utiliza algum tipo de chá	45	22,5%

Legenda: n número de alunos, % porcentagem de alunos.

A maioria dos acadêmicos diz já ter tomado medicamentos sem prescrição médica 93,5%. Os medicamentos utilizados são principalmente os de faixa livre (sem restrição), totalizando 94,5%, enquanto os tarjados (com restrição) apresentam-se somente como 5,5% da amostra. Além disso, 63% dos alunos costumam recomendar os fármacos que usam a outras pessoas. Em relação a reações alérgicas após a automedicação, apenas 6% dos acadêmicos relatou algum tipo de alergia, (Tabela 3).

Tabela 2: Prática da automedicação, de acordo com o comportamento adotado dos acadêmicos de biomedicina.

Variáveis	n	%
Consumo de medicamentos sem prescrição médica durante a graduação		
Não	53	26,5%
Sim	47	73,5%
Confiança para se automedicar em função da graduação		
Sim	127	63,5%
Não	73	36,5%
Se a orientação for própria, em que se baseia para utilizá-los		
Acredito ter conhecimento teórico para me automedicar.	63	31,5%
Costume, uso crônico. Consultou uma vez, resolveu o problema e continuou o uso.	102	51%
Todos os meus familiares usam e sei que resolve meu problema.	35	17,5%
Você utiliza sempre os mesmos medicamentos quando apresenta os mesmos sintomas		
Não	69	34,5%
Sim	101	50,5%
Uso o que estiver disponível em casa.	30	15%

Legenda: n número de alunos, % porcentagem de alunos.

Tabela 3: Prática da automedicação, de acordo com o consumo de medicamentos utilizados pelos acadêmicos de biomedicina.

Variáveis	n	%
-----------	---	---

Classe dos medicamentos mais**consumidos:**

Livre (sem restrição)	189	94,5%
Tarjado (com restrição)	11	5,5%

Recomendação a outras pessoas

Não	74	37%
Sim	126	63%

Frequência da automedicação

Eventualmente (3 a 6 vezes ao ano)	79	39,5%
Nunca tomo medicação sem consultar um médico.	3	1,5%
Rotineiramente (pelo menos 1 vez por mês)	58	29%

Reação alérgica por automedicação

Não	188	94%
Sim	12	6%

Legenda: n número de alunos, % porcentagem de alunos.

A maioria dos alunos relatou não apresentar dependência química do medicamento (88%), porém 12% acreditam ser dependentes do medicamento utilizado por conta própria. Apesar da alta taxa de automedicação, 91,50% dos acadêmicos têm ciência dos riscos da prática e 78% fazem a leitura da bula. Os três principais motivos para se automedicarem são o costume, uso crônico (42,50%), dificuldade de conseguir atendimento médico (26,50%) e por não gostar de ir ao médico (18%) (Tabela 4).

Tabela 4: Hábito da automedicação feita pelos acadêmicos de biomedicina.

Variáveis	n	%
Dependência química do medicamento		
Não	176	88%
Sim	24	12%
Ciência dos riscos da automedicação		
Não	17	8,5%
Sim	183	91,5%
Leitura da bula		
Não	44	22%
Sim	156	78%
Motivação da automedicação		
Costume	85	42,5%
Dificuldade de conseguir atendimento médico	53	26,5%
Influência de amigos/familiares	10	5%
Não faz automedicação	16	8%
Não gosta de ir ao médico	36	18%

Legenda: n número de pessoas, % porcentagem de pessoas.

De acordo com o questionário, os estudantes relataram se automedicar quando têm sinal de dor de cabeça (22%), seguido dos sintomas de alergias (14%), dor muscular (13%), cólica (13%), dores diversas 11%, tosse (9%), dor de estômago (6%), infecção urinária (4%), náuseas (3%), bronquite (3%) e (1%) por constipação intestinal e em 30% dos alunos esses sintomas ocorrem mais de uma vez por mês (Gráfico 1).

Os tipos de de medicamentos mais utilizados para os sinais e sintomas são os analgésicos (23%), antiinflamatório (16%), antialérgico (13%), pomadas (10%),

descongestionante nasal (10%) vitamina e suplementos (8%), xarope (7%), antibiótico (4%), antiácido (4%), outros sintomas (2%) e não sabem (1%) (Gráfico 2).

Além disso, os medicamentos mais utilizados pelos estudantes para amenizar essas dores são os seguintes fármacos: Paracetamol (16%), Dorflex (13%), Ibuprofeno 8%, Neosaldina 7%, Tylenol (7%), Dipirona (5%), Aspirina (5%), Buscopan Composto (5%), Cimegripe (4%), Eno (4%), Descongex (3%), Torsilax (3%), Neosoro/Sorine (3%), Lisador, Omeprazol (2%), Xantinon (2%), Estomazil (2%), Epopler (2%), Chystex (%), Histamin (2%) e Sereus (1%), Maracujina (1%) e Lactopurga (1%), (Gráfico 3).

Gráfico 1: Sinais e sintomas que impulsionaram os acadêmicos.

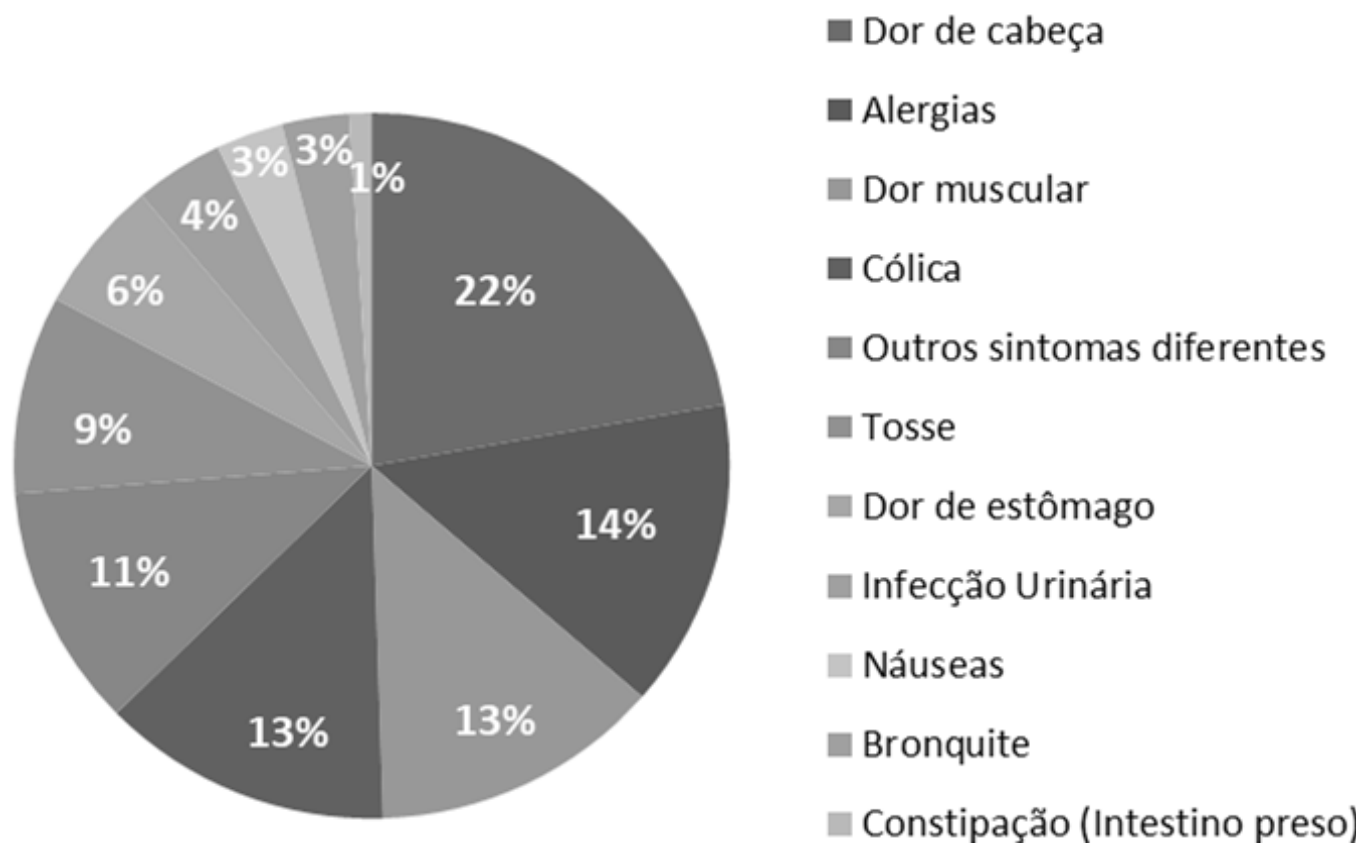
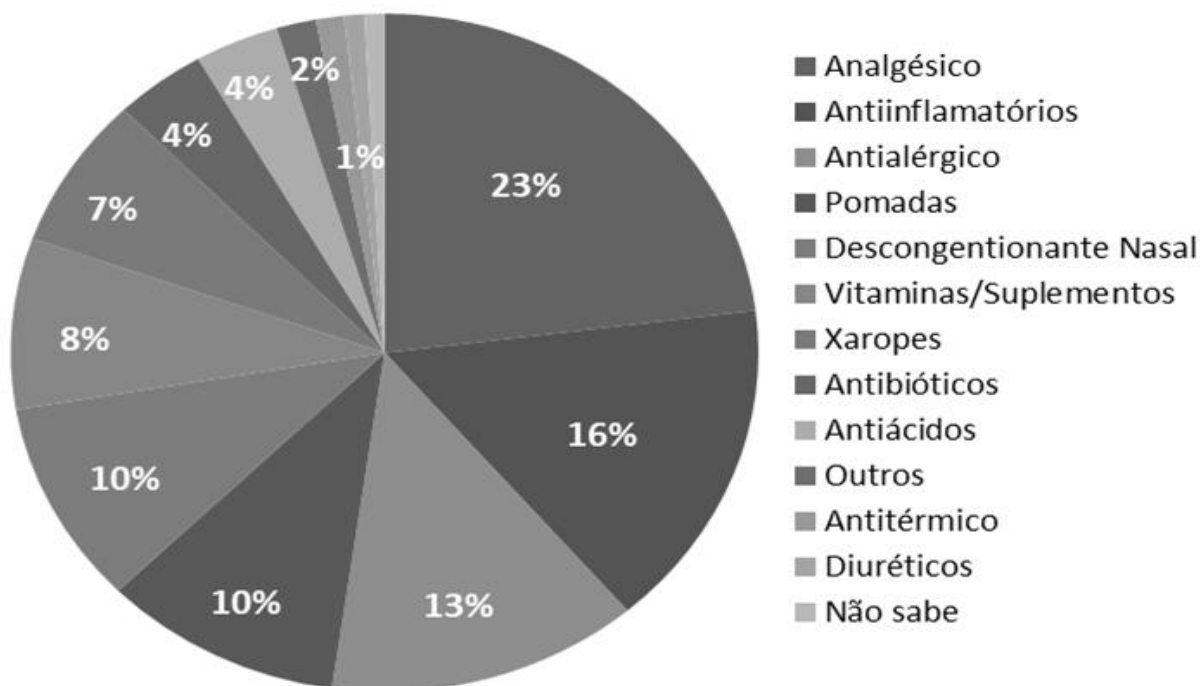
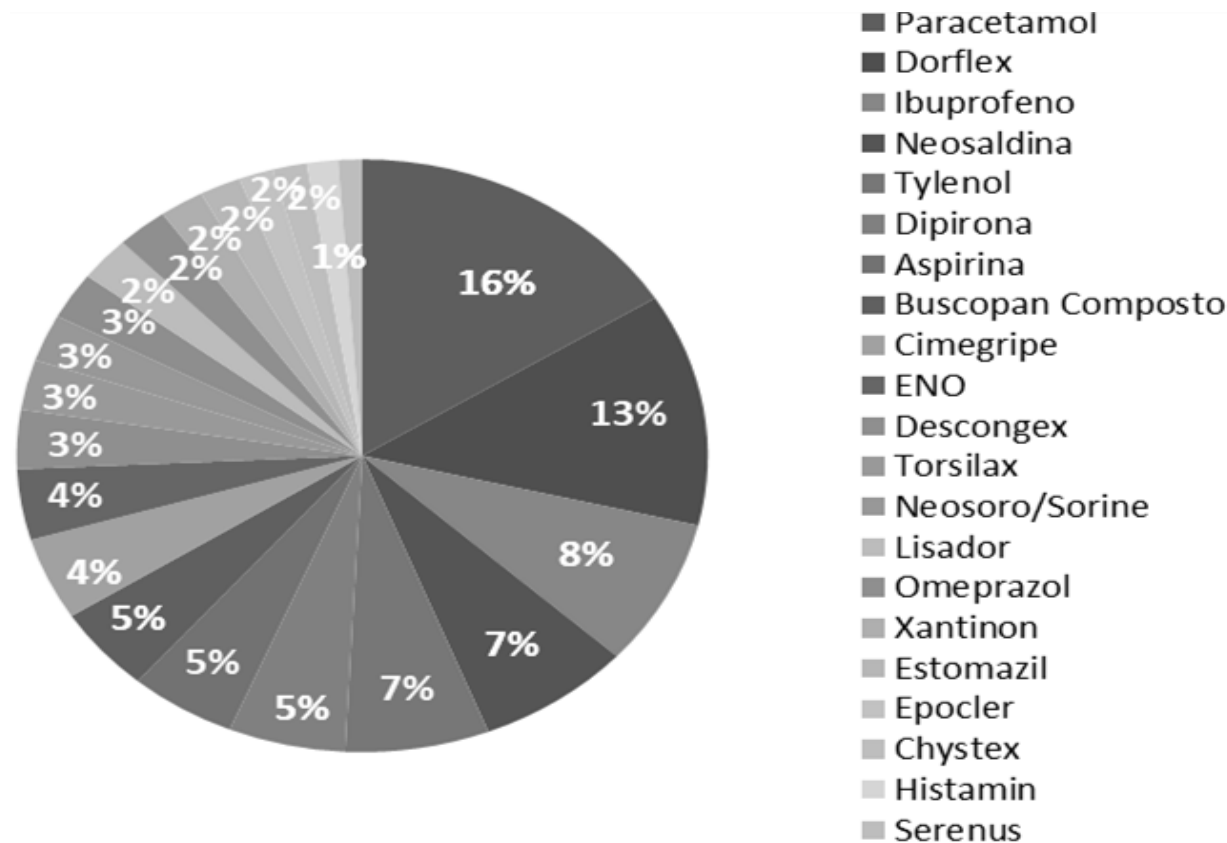


Gráfico 2: Tipos de medicações mais utilizadas**Gráfico 3:** Medicamentos mais utilizados pelos acadêmicos de biomedicina.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo apontaram que a automedicação é uma prática comum entre os acadêmicos do curso de biomedicina, sendo realizada por 73,50% da população analisada. Este dado está de acordo com Luz e colaboradores que mostraram um alto índice de automedicação (90,5%) entre estudantes da área da saúde de Universidade Federal de Uberlândia¹⁹. Oitenta e dois por cento dos acadêmicos que responderam ao questionário são do sexo feminino, essa prevalência se confirma no estudo de Gama et al, a participação também foi maior entre mulheres 61,5%. Isto se deve ao perfil de aluno do curso, que é predominantemente realizado por mulheres^{4,5,6,13,18,19,20,21}. Estudos mostram o predomínio da automedicação entre as mulheres, pelo motivo de se preocuparem mais com a sua saúde, porém esse hábito pode levar a futuros problemas a saúde inclusive a intoxicação^{10,26}.

Houve uma associação entre a prática de automedicação e a confiança propiciada pelo curso e a crença de ter conhecimento teórico para se automedicar. Outros estudos obtiveram resultados similares, em que demonstraram que os acadêmicos da área da saúde acreditavam ter mais subsídios intelectuais para realizar a automedicação^{3,4,5,6,7,8,9,10,12,13}. Além disso 63% dos acadêmicos relataram recomendar o uso de medicamentos a outras pessoas. Verificando ainda que este estudo existe associação entre a prática da automedicação dos acadêmicos de biomedicina e a ação de tomar algum tipo de medicamento quando sentem alguma dor. A pesquisa de Silva et al e de Gama et al, apontaram em seus estudos que tinha um grande número de alunos da área da saúde que indica medicamentos a outras pessoas^{6,13}. Esse dado é impactante, uma vez que esta prática pode causar danos à saúde³⁶.

Os principais motivos apontados pelos alunos para realizar a automedicação foram o costume de se automedicar, seguido pela dificuldade de conseguir atendimento médico^{12,14,15,16,17,18,19,20}. O que pode explicar este dado é o fato bastante relatado de não conseguir acesso fácil ao atendimento médico, seja pela demora no atendimento pelo SUS, ou pelo fato de terem que pagar as consultas^{2,3,4,11,12,13,14,19,20,21,22}. De acordo com Pilger et al, a automedicação dos estudantes da área da saúde, era de 28%, com uma frequência de 1 a 4 vezes ao ano. Nessa pesquisa, foi relatado que 39,5% fizeram um consumo de medicamentos, de 3 a 6 vezes ao ano e 29% pelo menos 1 vez ao mês, se mostrando superior ao estudo anterior²⁵.

Quanto ao consumo de medicamentos segundo a cor da tarja, a automedicação é realizada com medicamentos sem tarja, que não precisam obrigatoriamente de prescrição médica, classificados como medicamentos de venda livre, em sua grande maioria (93,5%), o que está de acordo com a literatura^{3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,15,16,23,24,25}. Contudo, é importante ressaltar que em 6,5% dos casos ocorre a utilização de medicamentos controlados sem prescrição médica. Este é um dado relevante, pois se sabe que este tipo de medicação pode causar diversos efeitos colaterais e complicações^{3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,15,16,23,24,25}. Por este motivo seria necessária uma fiscalização maior dos pontos de comércio de medicamentos e alerta sobre os riscos do uso indevido, para tentar diminuir o consumo indiscriminado de medicamentos entre a população brasileira^{2,8,9,10,11,12,13,14,15,24,25,26,27,28}.

As categorias de fármacos mais utilizados no Brasil, conforme a ANVISA, é de analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos, os quais são as primeiras opções de uso para amenizar dores rapidamente, principalmente quando a queixa for dor de cabeça, febre, dor muscular e resfriado^{2,12,14,16,17,18,29,30}. E nosso estudo, verificou-se um resultado similar ao descrito pela ANVISA, pois a maioria dos acadêmicos relataram que utilizam com mais frequência os analgésicos e anti-inflamatórios, além dos antitérmicos e os descongestionantes nasais^{2,3,4,5,6,7,9,10,12,14,15,16,18,20}.

O estudo apontou ainda que o medicamento mais consumido durante a graduação foi o paracetamol. Este é um analgésico-antitérmico com baixa ação anti-inflamatória^{31,32,33,34,35}. Ele é um medicamento de venda livre, comercializado em cápsulas, drágeas, comprimidos, gotas e coadjuvante em xarope, efervescentes e pastilhas^{31,32,33,34,35}. Neste caso seu uso em excesso, pode trazer efeitos nocivos ao organismo, desencadeado por intoxicações por esse fármaco, que pode levar a insuficiência hepática, distúrbios cardiovasculares, neurológicos, gastrointestinais, endócrinos e até a morte³¹. Lembrando que, não só esse fármaco, mas também os demais citados no estudo também podem ser prejudiciais a saúde quando usados incorretamente^{20,22,24,31,33,34,35}. Além disso, 12% dos entrevistados se dizem dependentes do medicamento utilizado na automedicação, o que é um fato preocupante, e merece atenção.

É importante ressaltar que apesar da grande maioria dos acadêmicos relatarem que estão cientes dos riscos da automedicação e que 78% deles fazem a leitura da bula, ainda sim, estes se submetem aos riscos associados. A orientação incorreta e o uso indiscriminado de medicamentos podem trazer consequências, como por exemplo, a

intoxicação e levar a morte^{28,36,37}. Dados do SINTOX mostram que uma grande parte dos registros de intoxicação ocorre por medicação, e que destes muitos se devem à automedicação^{12,14}. Estes prejuízos poderiam ser evitados a partir da conscientização e mudanças de hábitos populacionais^{1,3,4,5,6,7,10-11-12-13-14-14-16-17-20}. Além disto, a automedicação pode causar reações alérgicas, resistência bacteriana, dependência ao medicamento, hemorragias digestivas e entre outros problemas^{36,38,39,40,41,42}. De acordo com Chaves et al, os sinais e sintomas podem mascarar uma doença inicial, levando ao agravamento. Os estudantes relataram ter as seguintes reações adversas após o consumo de medicamentos como: náuseas, cefaleias, dor gastrointestinal, alergias e tontura³⁶. Estes prejuízos poderiam ser evitados a partir da conscientização e mudanças de hábitos populacionais.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados apresentados, pode-se concluir que houve um alto índice de acadêmicos do curso de biomedicina que se automedicam muitos deles por acreditarem ter conhecimento teórico suficiente para tal prática, subsidiado pelo curso de graduação cursado.

Portanto, utilizar medicamentos por conta própria, quando sente alguma dor, sem a prescrição médica, está automaticamente, levando a danos irreversíveis a saúde, devido a automedicação. A indicação dos medicamentos utilizados para outras pessoas também teve um alto índice entre os estudantes de Biomedicina da área da saúde, mostrando-se um dado a grande relevância, que tem que se ter autocuidado. Por fim, a automedicação é um hábito comum, porém pode propiciar diversos riscos à saúde. Desta forma, cabe aos profissionais e acadêmicos da área da saúde se conscientizar quanto a esta prática, visando não comprometer a sua saúde.

BIBLIOGRAFIA

1. ALENCAR, J. L. DE. **Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB)**. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rmp/article/view/182782>>. Acessado em: 20 de maio de 2018.
2. ALVES, T. DE A.; MALAFAIA, G. **Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás**. ABCS Health Sci., v. 39, n. 3, p. 153–159,

2014. Disponível em: <<https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/649>>. Acessado em: 21 de maio de 2018.
3. ANVISA. **Uso Indiscriminado de Medicamentos**. [s.d.], 2017. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/folder/uso_indiscriminado.pdf>. Acessado em: 22 de maio de 2018.
4. AQUINO, D. S. DE. **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 733–736, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232008000700023&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 22 de maio de 2018.
5. AQUINO, D. S. DE; BARROS, J. A. C. DE; SILVA, M. D. P. DA. **A automedicação e os acadêmicos da área de saúde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 5, p. 2533–2538, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232010000500027&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 23 de maio de 2018.
6. ARRAIS, P. S. D. et al. **Perfil da automedicação no Brasil**. *Revista de Saúde Pública*. v. 31, n. 1, p. 71–77, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000100010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 24 de maio de 2018.
7. BOCHNER, R. **Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas SINTOX e as intoxicações humanas por nu agrotóxicos no Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, p. 73–89, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232007000100012&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 25 de maio de 2018
8. CASTRO, H. C.; SANTOS, D. O.; RODRIGUES, C. R. **Automedicação: Entendemos O Risco?** *Infarma - Ciências Farmacêuticas*, v. 19, n. 11/12, p. 33–36, 2007. Disponível em: <<http://revistas.cff.org.br/infarma/article/view/4089>>. Acessado em: 26 de maio de 2018.
9. CASTRO, M. et al. **Universidades Católica e Federal de Pelotas / RS. Revista da AMRIGS**, v. 60, n. 1, p. 1–6, 2016. Disponível em: <<https://www.amrigs.org.br/assets/images/upload/pdf/1524073190>> Acessado em: 26 de maio de 2018.
10. CIT/RS; CENTRO DE INTOXICAÇÕES, R. G. D. S. **Relatório Anual 2014 Dados de Atendimento**. p. 1–49, 2014. Disponível em: <
-

http://www.cit.rs.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=137&Itemid=61> Acessado em: 28 de maio de 2018.

11. SILVA, R. C. G. et al. **Automedicação em acadêmicos do curso de medicina.** Medicina (Brazil), v. 45, n. 1, p. 5–11, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/47477>> Acessado em: 28 de maio de 2018.

12. FERNANDESS, W. S.; CEMBRANELLI, J. C. **Self Medication and Irrational Use of Medications : Professional Pharmacist To Combat This Practice.** Revista Univap, v. 21, n. 37, p. 5–12, 2014. Disponível em: <<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/download/265/259>> Acessado em: 29 de maio de 2018.

13. GAMA, ASM, Secoli SR. **Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil.** Rev Gaúcha Enferm. 2017 mar;38(1). Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>> Acessado em: 31 de maio de 2018.

14. FONSECA, F. et al. **Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. Diagn Tratamento.** v. 15, n. 2, p. 53–7, 2010. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?isisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=550873&indexSearch=ID>>. Acessado em: 02 de junho de 2018.

15. INFARMED. **Saiba mais sobre automedicaçãoAutomedicação.** 2010. Disponível em: <https://www.infarmed.pt/documents/15786/1072289/105-A_DL_106-A_2010_1ALT_MOV>. Acessado em: 03 de junho de 2018.

16. IURAS, A. et al. **Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil).** Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial, v. 57, n. 2, p. 104–111, 2016. Disponível em: http://administracao.spemd.pt/app/assets/imagens/files_img/1_19_59e23aec76399>. Acessado em: 03 de junho de 2018.

17. JESUS, A. PAULA; YOSHIDA, N.; FREITAS, J. **Prevalência da Automedicação entre Acadêmicos de Farmácia, Medicina e Odontologia.** Revista Estudos, v. 40, n. 2, p. 151–164, 2013. Disponível em:<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/viewFile/2718/1659>>. Acessado em: 03 de junho de 2018.

18. LOPES, W. DE F. L. et al. **A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI.** Revista Interdisciplinar, v. 7, n. 1, p. 17–24, 2014. Disponível em: <<https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/download/148>>. Acessado em: 04 de junho de 2018.
19. LOYOLA, A. et al. **Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí.** Revista de Saúde Pública, v. 36, n. 1, p. 55–62, 2002. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000100009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 04 de junho de 2018.
20. LUZ, F. A. C. et al. **Perfil comparativo da automedicação entre estudantes da universidade federal de uberlândia.** Horizonte Científico, v. 8, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/biosaude/article/download/25285/20458>>. Acessado em: 05 de junho de 2018.
21. MELO, D.; RIBEIRO, E.; STOTPIRTS, S. **A importância e a história dos estudos de utilização de medicamentos.** [s.l: s.n.]. v. 42. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151693322006000400002&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 05 junho de 2018.
22. MINISTÉRIO DA SAÚDE, S. DE P. DE S. **Política nacional de medicamentos. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de medicamentos 2001** /Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Departamento de Atenção Básica, p. 39, 2001.Disponível em:<https://http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_medicamentos> Acessado em: 06 junho de 2018.
23. MONTANARI, C. M. **Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais . Self-medication in academics of a public university in the south of Minas Gerais . La automedicación en académico de la universidad pública de Minas Gerais del sur .** v. 8, n. 4, p. 257–268, 2014. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/307683645_Self-medication_in_academics_of_a_public_university_in_the_south_of_Minis_Gerais>Acessado em: 06 de junho de 2018.
24. NASCIMENTONASCIMENTO, Á. **Propaganda de medicamentos no Brasil .**
-

É possível regular ? Medication advertising in Brazil . Can it be regulated ? Ciência & Saúde Coletiva, v. 14, n. 3, p. 869–877, 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232009000300022&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 07 de junho de 2018.

25. NASCIMENTO, J. DE P.; VALDÃO, G. B. M. **Automedicação: educação para prevenção.** p. 813–829, 2012. Disponível em:<<https://www.anais.ueg.br/index.php/ciegesi/article/view/1173>> Acessado em: 08 de junho de 2018.

26. NAVES, J. D. O. S. et al. **Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, p. 1751–1762, 2010. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232010000700087&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 09 junho de 2018.

27. NETO, C. et al. **Automedicação entre estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora.** HU Revista, v. 32, n. 3, p. 59–64, 2006. Disponível em:<<https://hurevista.ufjf.emnuvens.com.br/hurevista/article/viewFile/18/13>> Acessado em: 10 junho de 2018.

28. OLIVEIRA, A.; TEIXEIRA, E. **Concepções Sobre O Uso Da Automedicação Pelos Trabalhadores De Conception About Self-Medication Use By the Nursing Staff in Oncology.** Revista de Enfermagem, v. 10, n. 1, p. 24–31, 2016. Disponível em:<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/10917/12195>> Acessado em: 10 de junho de 2018.

29. PINHEIRO, R. M.; WANNMACHER, L. **Uso racional de medicamentos: temas selecionados.** [s.l.: s.n.]. Disponível em:<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/uso_racional_medicamentos_temas_selecionados.pdf> Acessado: 11 de junho de 2018

30. RÄGO, L. WHO Drug Information. **World Self Medication Industry.** v. 14, n. 1, p. 81, 2000. Disponível em: <<http://apps.who.int/medicinedocs/es/d/Jh1462e/1>> Acessado em: 12 de junho de 2018

31. ROSSE, W. et al. **Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia da Univiçosa, Viçosa, MG.** Revista Brasileira de Farmácia, v. 92(3), n. 1, p. 186–190, 2011. Disponível em: <<http://www.rbfarma.org.br/files/rbf-2011-92-3-17>> Acessado em: 13 de junho de 2018.

32. SILVA, A. et al. **Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário.** Rev Bras Clin Med., p. 27–30, 2012. Disponível em: <https://ww.scielo.br%2Fpdf%2Frsp%2Fv50s2%2Fpt_0034-8910-rsp-s2-S0151887872016050006117> Acessado em: 14 de junho de 2018.
33. SILVA, L. et al. **CONSUMO DE MEDICAMENTOS E PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO POR ACADÊMICOS DA ÁREA DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. REVISTA ESPAÇO PARA A SAÚDE.** v. 16, n. 2, p. 27–36, 2015. Disponível em: <<http://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/403>> Acessado em: 14 de junho de 2018.
34. SILVA, L. S. F. et al. **Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais.** Odontologia, v. 10, n. 1, p. 57–63, 2011. Disponível em:<<http://revodonto.bvsalud.org/pdf/occ/v10n1/a11v10n1.pdf>> Acessado em: 15 junho de 2018.
35. SOUSA, H. W. O.; SILVA, J. L.; NETO, M. S. **A Importância Do Profissional Farmacêutico No Combate À Automedicação No Brasil.** Revista Eletrônica de Farmácia, v. 5, n. 1, p. 67–72, 2008. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/REF/article/download/4616/3938>> Acessado em: 16 junho de 2018.
36. SOUZA, L. A. F. et al. **Prevalencia y caracterización de la práctica de automedicación para alivio del dolor entre estudiantes universitarios de enfermería.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 19, n. 2, p. 245–251, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692011000200004&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 16 junho de 2018.
37. THRICY, D. et al. **A automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde em uma universidade privada do estado do Rio Grande do Sul.** Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção, v. 2, n. 4, p. 138–140, 2012. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/epidemiologia/article/view/332439>> Acessado em: 17 de junho de 2018.
38. TOMASINI, A. A. et al. **Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná.** p. 1–12, 2015. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/biosaude/article/download/25285/20458>>
-

Acessado em: 17 de junho de 2018.

39. TREVISOL, F. et al. **Automedicação em universitários**. Rev Bras Clin Med. São Paulo, v. 9, n. 6, p. 414–417, 2011. Disponível em:<<http://files.bvs.br/upload/S/16791010/2011/v9n6/a2556>> Acessado em:18 de junho de 2018.
40. VARANDA PEREIRA, L. et al. **Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, v. 19, n. 02, p. 07, 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n2/pt_04> Acessado em: 18 de junho de 2018.
41. VILARINO, J. F. et al. **Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil**. **Revista de Saude Publica**,. 32, n. 1, p. 43–49, 1998. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101998000100006&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 19 de junho de 2018.
42. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The role of the pharmacist in self-care and self-medication**. World Health Organisation, p. 15, 1998. Disponível em:<<https://apps.who.int/medicinedocs/en/d/Jwhozip32e>> Acessado em: 19 de junho de 2018.